



2003/05/25

TERRORISMO E DEFESA

Alexandre Reis Rodrigues

Não faltou quem previsse, principalmente entre os opositores à guerra, que a intervenção militar no Iraque iria desencadear um recrudescimento do terrorismo internacional, com ataques semelhantes aos que os EUA sofreram a 11 de Setembro de 2001. Os argumentos invocados na defesa desta tese – há que reconhecê-lo – pareciam fazer algum sentido, pelo menos numa análise simplista da situação. Os EUA iriam ganhar a guerra e recuperar a imagem de invulnerabilidade perdida a 11 de Setembro. Os seus inimigos no mundo árabe teriam que relembrar a todo o mundo – e em especial aos EUA – que não se resignavam a aceitar a sua superioridade e que continuavam a dispor de meios para demonstrar que o seu poderio militar não seria suficiente para lhes dar a segurança de que precisam. Para esse fim não lhes restaria outra hipótese senão fomentar ou apoiar actividades de organizações terroristas, como a al Qaeda, para atacar as vulnerabilidades americanas noutras áreas, recorrendo às chamadas estratégias assimétricas. Contra esta opinião, os que apoiavam a guerra entendiam que seria através dela que se daria mais um passo na campanha de negação de santuários à al Qaeda, a via directa para pôr cobro às actividades da organização. Uma mudança de regime no Iraque permitiria sobretudo controlar mais directamente os dois principais apoiantes do terrorismo internacional, o Irão e a Síria, ambos também com ligações ao Hezbollah e à Frente Popular de Libertação da Palestina. Permitiria também resolver a ameaça de armamento de destruição maciça. Complementarmente, um sucesso militar dos EUA, evidenciando a determinação de ir até onde necessário, e os previsíveis reveses que sofreriam os países apoiantes da al Qaeda, poderiam demonstrar a inutilidade da continuação do terrorismo e desencorajar o seu recrudescimento. Os recentes atentados suicidas na Arábia Saudita e Marrocos, especialmente os primeiros, têm uma nítida marca da al Qaeda. Isto mostra que a organização de Bin Laden, ou o que resta dela, quis dar sinais de si e recuperar a credibilidade de que precisa para manter a sua base de apoio. Isto daria a primeira tese como correcta. Porém, é prematuro ter essa conclusão como definitiva. Os atentados podem continuar, em especial contra os EUA e eventualmente com repercussões mais graves. Mas, para já, o que se verificou foi uma linha de acção modesta, com alvos mais fáceis e de menor impacto. A capacidade operacional da al Qaeda parece, de facto, estar fragilizada. Talvez também devido às mudanças de atitude do Irão e da Síria, num esforço de apaziguamento dos EUA e de demarcação do “Eixo do Mal”, e à moderação preconizada por alguns líderes religiosos, em nome do islamismo. O tempo dirá se a organização foi atingida nas suas capacidades e está já a viver um período de dificuldades. Mas a ameaça, maior ou menor, continuará. Não há, portanto, outra hipótese senão estar vigilante e pronto para utilizar todos recursos que possam ter um papel nesta luta. Por isso se torna particularmente pertinente olhar para a concretização das orientações estabelecidas no Conceito Estratégico de Defesa Nacional, as quais atribuíram à Defesa um papel relevante nessa frente, quer internamente, para complementar as organizações policiais e colaborar com o planeamento civil de emergência, quer externamente, ao lado dos nossos aliados.